Proletários de todos os países, uní-vos !

A CLASSE OPERARIA

ÓRGÃO DO COMITÊ CONTRAL DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

UNIÃO PELA LIBERDADE

A luta pela liberdade adquire uma importância cada dia maior. Privados de seus direitos mais elementares, os brasileiros vivem humilhados e escravizados pelos generais fascistas que se arvoram em tutores da nação. O Brasil é um país sem lei, onde o último dos policiais pode dispor a seu talante da vida dos cidadãos. Os militares não se cansam de repetir que o povo brasileiro é imaturo e que somente eles, os homens de farda, têm condições para decidir dos destinos nacionais. Na realidade, a reação visa a sufocar as verdadeiras aspirações populares e realizar uma política de entrega do país ao imperialismo e de proteção aos interesses de latifundiá - rios e grandes capitalistas.

Dia a dia, aumentam os anseios de liberdade. O povo exige, das mais variadas formas, o fim do regime tirânico que impera há oito anos. São os operários reclamando justiça social, os camponeses erguendo-se contra os grileiros e a polícia, os estudantes opondo-se ao decreto 477 e exigin d o sua participação no debate e solução dos problemas nacionais, são os intelectuais protestando contra a censura e reclamando liberdade de criação artística e cultural.

Sucedem-se os pronunciamentos em favor da liberdade. Presidentes dos Institutos de Advogados de diversos Estados, reunidos em Porto Alegre, postularam "a devolução, ao Poder Judiciário, de suas garantias tradicio - nais, a restauração do 'habeas corpus', em todo o seu vigor histórico, e a efetiva participação das entidades representativas do pensamento jurídico, na renovação das codificações do nosso direito". Disseram ser imprescindível um clima de ampla liberdade de expressão do pensamento. O lider do MDB na Câmara lembrou que o Brasil derramou o sangue dos seus filhos para acabar com o nazi-fascismo. "O fascismo - disse ele - era exatamente o regime fundado sobre a propaganda unilateral, a intimidação, a opressão mo - ral, a repressão física, a tortura e o extermínio". Atualmente, vive-se em semelhante regime. "Os intelectuais - afirmou - são espionados como seres daninhos, e não contente com a censura no rádio e na televisão, no cinema e no teatro, nos jornais e nos livros, vimos estruturar-se uma sanhuda censura musical, que localiza subversão em brejeiros versos dos melhores poetas de nossa música". E pergunta o sr. Pedroso d'Horta: "Não seria a ho

(Continua na página 2)

LEIA NESTE NÚMERO:

Nº 63 Abril de 1972 Ano VIII

DESCASO PELA VIDA DOS TRABALHADORES

Guanabara (Do correspondente) - Mais de 40 mortos, centenas de pessoas queimadas foi o resultado das trágicas explosões da Refinaria Duque de Caxias. O general-presidente da Petrobrás, após o desastre, insinuou que se tratava de ações terroristas. Mas logo em seguida, ante a evidência dos fatos, reconheceu que a causa principal do incêndio foi a falta de equipamento adequado. Os técnicos que realizam a perícia anunciaram que as válvulas das esferas dos depósitos de gás "não ofereciam todas as condições de segurança".

O descaso pela vida dos trabalhadores da Petrobrás é a causa determinante das explosões que causaram a morte de tantos empregados da empressa estatal. Como acentuam os técnicos, o perigo poderia ter sido evitado com instalação de equipamento adequado que custaria menos de 10 mil cruzeiros. Mas os militares que dirigem a Petrobrás não dão qualquer atenção à segurança do trabalho numa empresa onde são grandes os riscos de acidente. Falam em altos lucros. Gastam enormes somas na propaganda da ditadura e de suas pretensas realizações. Seguindo, porém, a orientação anti-operária do governo, põem em jogo a vida dos que aí trabalham, além de procederem a constantes demissões em massa.

Os empregados da Petrobrás, que antes do golpe de 1964 demonstraram grande combatividade, tirarão certamente lições da explosão de Duque de Caxias e exigirão medidas de proteção ao trabalho, cessação das demissões e melhores remunerações. Só o caminho da luta organizada pode assegurar os direitos dos trabalhadores, evitar a repetição de acidentes como o que ocorreu em Caxias e desmascarar os militares reacionários que dirigem a Petrobrás.

DIFÍCIL SITUAÇÃO DOS PROFESSORES

Brasília (Do correspondente) - Pesquiza recentemente realizada em Brasília pelo Departamento do Ensino Elementar do MEC revela que apenas 2,5% do total dos professores da Capital do país recebem salário acima de mil cruzeiros. Assim mesmo, são obrigados a dar aulas não somente nas escolas oficiais mas também nas particulares, em horários diurnos e noturnos. Quinze por cento dos professores moram em barracos de madeira, situados distantes dos seus locais de trabalho. Tais moradias são consideradas pelo relatório como sendo "muito pouco confortáveis". A vida social e cultural dos professores não poderia ser pior. Devido à necessidade de atender a vários empregos não têm condições de se dedicar ao estudo e ao preparo das aulas. Seus baixos salários lhes proíbe combrar livros e revistas e desenvolver atividades culturais. A conclusão da pesquiza é significativa: depois de alguns anos de magistério, o professor sente-se frustrado e sem forças para dar o melhor de si.

UNIÃO PELA LIBERDADE (Continuação da 1ª página)

hera de restituirmos aos brasileiros a voz e o voto, livres e democráticos ?" Num simpósio realizado na Guanabara, um juiz declarou que, como qualquer cidadão pacato, tinha medo da polícia. Para esta de nada valia sua carteira de magistrado. A tal situação chegou o Brasil ! Muitos políticos reclamam em declarações públicas, a revogação do AI-5, a liquidação da censura à imprensa e o término das perseguições aos patriotas.

A conquista da liberdade é uma das questões mais sentidas dos cias que correm . Atinge a maioria esmagadora da nação. Em torno desta luta podem unir-se amplas forças sociais. Qualquer que seja a filiação partidária, o credo religioso ou a tendência filosófica, qualquer que seja a condição social, todos os brasileiros que não querem ser escravos devem se unir para varrer com a ditadura e obter o seu direito de ser livre. Cada ação em prol da liberdade é um golpe na ditadura. Cada passo no caminho da união é um êxito no isolamento dos militares fascistas.

* * * * * * * * * * * *

COMENTÁRIO NACIONAL

MEDIDA FASCISTA

Numa reunião convocada às pressas, com a presença de generais e chefes do SNI, o ditador Garrastazu anunciou o propósito de emendar a Constituição fascista, tendo em vista eliminar o preceito que determina eleições diretas para governador. A decisão de Médici surpreendeu os meios políticos e determinou forte repulsa popular.

Eleições, sob a ditadura, são em geral uma farsa. Mas, na atualidade, nem mesmo esta farsa pode ser realizada. Os generais temem qualquer tipo de consulta que envolva o povo. Sabem que sua criminosa política é condenada pela esmagadora maioria da nação. Têm a experiência de 1970, quando mais da metade dos eleitores votaram em branco ou anularam seus votos. Por isso, recorrem às chamadas eleições indiretas que outra coisa não é senão a nomeação de governadores escolhidos pelo grupo que oprime o país entre os reacionários que melhor se prestem à função de paus-mandados da ditadura.

Círculos políticos da oposição consentida ainda acreditavam nas promessas do ex chefe do SNI, quando de sua posse na Presidência da República. Então, Garrastazu afirmava que, até 1974, o país seria integrado nas normas constitucionais. Foram-se as esperanças do MDB. Os generais não pensam em restituir o país à vida democrática. Insistem em manter indefinidamente o Brasil sob o guante fascista. Todos os que se opõem aos seus desígnios são considerados "contestadores". E a contestação ao sistema imposto pelo golpe de 1º de abril é proibida, constitui grave crime.

O ato de Médici ocasiona sérias dissenções tanto nos arraiais governistas como nas hostes do MDB. Políticos influentes da Arena vêem frustrados seus planos para disputar governos estaduais. Ruminam suas divergências com o atual ditador. Por outra parte, camarilhas militares, ansiosas de ocupar melhores posições de mando, manifestam descontentamento e se articulam para impor seus desejos. No MDB, a grita contra a atitude de Garrastazu foi ainda mais forte. Seus líderes opuzeram-se à Emenda Constitucional e chegaram a defender a idéia de auto-dissolução partidária. De diferentes modos, o povo brasileiro expressou seu repúdio à medida governamental. Sem alimentar ilusões na ditadura, considerou o ato de Médici como um cínico desrespeito às aspirações nacionais. É evidente que o governo dos militares, com a decisão adotada, se viu mais isolado e mais repudiado pelas massas populares.

O cancelamento das eleições diretas não significa, porém, força da ditadura. Revela, bem ao contrário, sua fraqueza. Diariamente, vem-se acentuando os fatores de nova crise política. O grupo de militares que pontifica no Palácio do Planalto está a braços com dificuldades crescentes. Defronta-se com a divisão da Arena, com o fracasso da política de governadores. Já não consegue sequer apaziguar seus parceiros dos quartéis. Generais são nomeados para funções importantes e em seguida demitidos sem maiores explicações. Outros passam intempestivamente para a reserva. Não faz muito, o grupo de Márcio de Souza Melo foi afastado dos postos que ocupava na Aeronáutica. O governo apega-se à propaganda de êxitos econômicos. Mas nunca foi tão grave a situação econômica, política e social da nação brasileira. O regime antinacional e antipopular, imposto pela força, não pode jamais se consolidar. Nem durar ilimitadamente.

Contudo, a ditadura não cairá por si mesma. Não será liquidada a partir de "aberturas democráticas", que são simples engodo, ou mediante concessões de militares retrógrados. A democracia só se conquista na luta, derrubando os algozes do povo. Os últimos fatos, relacionados com a supressão do pleito direto, demonstram que os brasileiros precisam se unir mais estreitamente para opor-se com redobrada energia à ditadura militar. É preciso não dar tréguas aos inimigos da soberania popular, desmascarar suas manobras e chantagens, suas hipócritas campanhas de civismo. Unido e disposto a enfrentar a reação, o povo assestará golpes mortais à ditadura e conquistará a verdadeira liberdade que almeja.

* * * * * * * * * * * * *

MOVIMENTO COMUNISTA MUNDIAL

FUNDADO PARTIDO COMUNISTA DA SUÍÇA

Realizou-se recentemente o Congresso de fundação do Partido Comunista da Suíça (marxista-leninista). Com grande entusiasmo, os delegados, vindos de todas as partes da Federação discutiram a história da organização marxista-leninista da Suíça, as fases da luta ideológica para dominar a doutrina do proletariado e criar um núcleo marxista-leninista. Também debateram um informe político, em que são fixadas as tarefas do Partido para levar a cabo a revolução proletária. Ao final dos seus trabalhos, o Congresso aprovou os Estatutos do Partido e elegeu o Comitê Central.

A fundação do Partido Comunista da Suíça - ressaltou "L'October", órgão central do Partido - abre uma nova etapa na luta que se trava para a tomada do poder pelo proletariado suíço, para substituir a ditadura da burguesia pela ditadura do proletariado e para liquidar a exploração e a opressão do povo. O proletariado suíço conta atualmente com seu partido revolucionário, o PC da Suíça (marxista-leninista) que exorta todos os revolucionários a se integrarem à luta para, sob a direção dos comunistas, levar a revolução à vitória. O Partido Comunista recém-fundade ressalta continuamente que a revolução é obra das massas e que somente o povo é a força motriz da História.

POVO FILIPINO COMEMOROU TERCEIRO ANIVERSÁRIO DO NOVO EXÉRCITO POPULAR

Em março próximo passado, o povo das Filipinas comemorou o 3º aniversário de criação do novo Exército Popular. Surgido logo após a reorganização do Partido Comunista das Filipinas e por sua iniciativa, o novo Exército Popular tomou o encargo de lutar, juntamente com as massas populares, para acabar com o jugo do imperialismo ianque, do feudalismo e do capital burocrático. Herdeiro de largas tradições revolucionárias, da grande campanha guerrilheira contra a ocupação japonesa, o Exército Popular, iniciando sua ação por pequenos combates, cresceu no fragor das batalhas. Atualmente, é capaz de desbaratar destacamentos e batalhões inteiros das forças regulares do inimigo. Enfrentando as tropas do governo fantoche, fez fracassar inúmeras campanhas de cerco e aniquilamento e realizou ataques a postos e quartéis das tropas governamentais.

Ao mesmo tempo que combate de armas nas mãos, o Exército Popular, sob a direção do Partido Comunista das Filipinas, faz esforços para mobilizar as massas camponesas, levá-las à luta pela terra e ampliar as áreas guerrilheiras e as bases de apoio rurais. Regiões de Luzon Central se transformaram em bases dos guerrilheiros, enquanto a luta armada revolucionária se desenvolve exitosamente em Luzon Setentrional e Meridional. Mobilizando as massas, os combatentes e comandantes do Exército Popular encabeçam os camponeses para destruir o poder reacionário e criar os organismos locais do novo poder democrático-popular, os comitês revolucionários. Os camponeses pobres das zonas guerrilheiras realizam várias ações para liquidar os traidores e os déspotas locais e para ajudar as forças do Exército Popular.

O Partido Comunista das Filipinas realiza amplo trabalho de agitação, propaganda e mobilização do povo. Denuncia firmemente a brutal ingerência dos imperialistas ianques nos assuntos internos do país e a colaboração das classes dominantes com os monopolistas norte-americanos. Estes transformaram as Filipinas num grande feudo político e econômico. Ocupam 20 bases militares no país. O PC considera que a etapa atual da revolução filipina é nacional e democrática. As principais contradições a serem resolvidas são as que opõem a nação filipina ao imperialismo norte-americano e a existente entre as amplas massas populares e o feudalismo. Os comunistas lutam para que o proletariado jogue o papel dirigente na revolução.

Para alcançar a vitória, o PC das Filipinas indicou o caminho da luta armada e da criação de ampla frente única, baseada na aliança operário-camponesa, à qual pode aderir mais de 90% da população. Com um claro programa e uma orientação firme para a guerra popular prolongada, os comunistas filipinos têm todas as condições de obter grandiosos êxitos.

REPERCUTE O ANIVERSÁRIO DO PARTIDO

Em todo o país os comunistas comemoraram os cinquenta anos de fundação e o décimo de reorganização do Partido Comunista do Brasil. Alacançou também larga repercussão no exterior a passagem dessas duas datas.

As organizações partidárias realizaram inúmeras reuniões em homenagem à fundação e à reorganização do Partido. Efetuaram-se palestras e conferências com a participação de militantes e amigos do PC do Brasil. Documentos básicos do Partido foram difundidos amplamente. Alguns Comitês Regionais lançaram manifesto ao povo alusivos às datas e distribuiram folhetos de propaganda revolucionária. No Ceará, foram editados alguns folhetos dos clássicos do marxismo em homenagem ao 50º aniversário do Partido e milhares de cópias da canção "A Internacional". Em algumas grandes cidades, como o Rio de Janeiro, os comunistas, desafiando a ditadura, colocaram grandes faixas em avenidas movimentadas saudando o Partido. Do alto de edifícios da Guanabara e de São Paulo, foram lançados dezenas de milhares de panfletos, também distribuidos nas portas de grandes fábricas. Inscrições murais apareceram em diferentes pontos do país. o slogan "Viva o Partido Comunista do Brasil ! Abaixo a ditadura ! " ecoou em muitos lugares.

Um marco nas comemorações do 50º aniversário de fundação e do 10º de reorganização do Partido constituiu a publicação do documento do Comitê Central intitulado "Cinquenta anos de lutas". Nele se faz uma exposição marxista-leninista da trajetória do Partido e se extraem importantes lições para a luta do povo brasileiro. Sua difusão vem despertando grande interesse dos militantes, amigos e simpatizantes do Partido e também de outros setores revolucionários. O documento do Comitê Central desempenhará sem dúvida um grande papel na educação dos comunistas e na consolidação e desenvolvimento do Partido Comunista do Brasil.

As mensagens dos partidos irmãos por motivo do cinquentenário do PC do Brasil repercutiram intensamente entre os comunistas e setores progressistas. Os revolucionários brasileiros receberam com grande júbilo o apoio e o estímulo do glorioso Partido Comunista da China, dirigido por Mao Tsetung, do heróico Partido do Trabalho da Albânia, liderado por Enver Hodja, dos combativos Partidos Comunistas da Itália, da Espanha, do Equador e dos comunistas de Portugal.

No exterior, o jubileu do Partido Comunista do Brasil foi assinalado com destaque. Na China Popular, a Rádio Pequim, em suas emissões de 17 e 1 de fevereiro, transmitiu a mensagem do PC da China aos comunistas brasileiros. Difundiu a resolução do Comitê Central do PC do Brasil de outubro do ano passado sobre o cinquentenário do Partido. Divulgou também trechos do editorial de "A Classe Operária" de fevereiro sobre a reorganização do Partido. Na Albânia, o órgão central do Partido do Trabalho da Albânia, "Zeri i Populit", publicou a resolução de outubro do CC do PC do Brasil, a mensagem do CC do PTA aos marxistas-leninistas brasileiros e um editorial intitulado "Saudações Revolucionárias ao Partido Comunista do Brasil". O órgão teórico do Partido, "Ruga i Partise" (Caminho do Partido), publicou o editorial de "A Classe Operária" de fevereiro. A Rádio Tirana fez uma extensa programação comemorativa e organizou a 18 de fevereiro e 25 de março emissões especiais sobre estas datas. Os comunistas portugueses, em sua saudação ao PC do Brasil, destacaram que à colaboração contra-revolucionária entre os governos fascistas de Portugal e do Brasil, os comunistas dos dois países precisam opor uma estreita colaboração revolucionária, à base do internacionalismo proletário que deve unir os povos brasileiro e português. "Nuova Unitá", órgão do Pc da Itália (m-l), "People's Voice", órgão do PC da Nova Zelândia, "Vanguardia Obrera", órgão do PC da Espanha (m-l) e "Clarté", órgão do Pc da Bélgica (m-l), publicaram a resolução do CC "Meio Século de Lutas" e artigos de exaltação ao Partido Comunista do Brasil.

Assim, o aniversário do Partido Comunista alcançou ampla repercussão no Brasil e no exterior.

PARA SER UM BOM REVOLUCIONÁRIO

"Não basta possuir temperamento de revolucionário: é mister saber também manejar a arma da teoria revolucionária.

Não basta conhecer a teoria: é preciso forjar para si mesmo um caráter sólido, com uma inflexibilidade de bolchevique.

Não basta saber o que fazer: é preciso ter a coragem de levá-lo a cabo.

(Conclui na página 7)

SAUDAÇÕES DO PARTIDO COMUNISTA DA ESPANHA

Ao Comitê Central do Partido Comunista do Brasil

Queridos camaradas.

Por motivo do quinquagésimo aniversário de fundação de vosso heróico Partido e do décimo de sua reorganização, sobre a base do marxismo-leninismo, o Partido Comunista da Espanha (marxista-leninista) vos envia suas mais calorosas, combativas e fraternais saudações.

Assim como o povo brasileiro, o povo espanhol está dominado pelas forças mais negras da reação pelo imperialismo ianque e seus lacaios. Ambos os povos sofrem uma brutal repressão e exploração, ambos os povos, encabeçados por seus partidos de vanguarda, lutam com decisão contra o fascismo, assestando-lhe um golpe após outro. Nas duras condições da noite fascista, nosso Partido luta contra a traição e as vís manobras do renegado Santiago Carrillo, contra todo tipo de oportunistas e aventureiros que tentam semear a confusão e desviar o nosso povo do justo caminho da luta revolucionária. A oligarquia espanhola no Poder, completamente submissa ao imperialismo ianque, tenta perpetuar sua dominação com a manobra de restauração monárquica na pessoa do príncipe Juan Carlos. Mas nosso povo manifesta dia a dia, e de forma crescente, sua repulsa à monarquia e luta pela instauração de uma República Popular e Federativa.

Sentimo-nos totalmente solidários com as justas posições do Partido Comunista do Brasil que levantou a bandeira dos princípios do marxismo-leninismo contra as correntes revisionistas que pretendiam levá-lo pelo caminho da colaboração de classes e do abandono da luta revolucionária. Em nossa dura luta contra a ditadura fascista de Franco e contra a dominação ianque, sabemos que no Partido Comunista do Brasil temos um partido irmão que luta firmemente contra os mesmos inimigos e sob as mesmas bandeiras do marxismo-leninismo.

Nosso Partido, como o vosso, está firmemente decidido a seguir adiante nesta luta intransigente de princípios contra o revisionismo contemporâneo, em todas as suas formas, até conseguir forjar a unidade da classe operária e do campesinato pobre e uma férrea e ampla unidade popular para derrotar os inimigos do povo e da revolução.

O COMITÊ EXECUTIVO DO PARTIDO COMUNISTA DA ESPANHA (MARXISTA-LENINISTA)

BRASIL - LUTA DO POVO CONTRA SEUS CARRASCOS

Nota publicada em 23 de março por "L'Humanité Rouge", órgão dos marxistas-leninistas franceses.

A ditadura sanguinária continua a oprimir ferozmente os brasileiros. O país inteiro é uma imensa prisão onde operários, camponeses, intelectuais, revolucionários e pessoas progressistas são detidos, torturados, assassinados, a fim de manter através do terror o domínio impiedoso do imperialismo norte-americano e dos seus infames fantoches. E é com este regime de torturadores que o governo dos monopólios franceses mantém tão boas relações, recebendo o policial fascista Sérgio Fleury, perseguindo os revolucionários exilados na França, expulsando da Guiana Francesa os operários brasileiros que haviam participado na grande greve da indústria de refrigerantes, fornecendo armas e munições que são utilizadas contra o povo.

Nem a ditadura, nem os esquadrões da morte, nem a tortura, nem os assassinatos podem reduzir o altivo povo brasileiro à escravidão. É melhor morrer de pé do que viver de joelhos. As lutas populares contra a exploração, a opressão, a ditadura fazem-se mais amplas, mais renhidas no inferno do Nordeste, no Estado do Maranhão, na Bahia, no Rio e no extremo norte do país. Sem temer seus opressores, o povo brasileiro se levanta para derrocá-los. Manifestações, greves, ocupações de terra, choques armados se multiplicam.

O povo não está só em seu comba

(Conclui na página 10)

EXEMPLO DE COMBATIVIDADE REVOLUCIONÁRIA

Panorama Internacional

As forças de libertação nacional desencadearam vigorosa ofensiva no Vietnã do Sul, Laos e Camboja. O impulso revolucionário dos heróicos combatentes indochineses leva de roldão as tropas fantoches de Van Thieu e de seus amos, os imperialistas norte americanos. Em poucos dias, numerosas cidades e aldeias foram libertadas. Centenas de milhares de pessoas viram-se livres do jugo do regime reacionário de Saigon.

Diante da justa luta do povo vietnamita, os imperialistas ianques desmascararam-se uma vez mais como o principal inimigo dos povos, como a força mais agressiva e bandidesca de nossa época. Nixon e seus generais fascistas recorrem aos métodos mais desesperados, tentando salvar da derrota inevitável a truculenta política que vêm pondo em prática no Sudeste Asiático. Afrontando a opinião pública mundial, Nixon apela para os bombardeios em massa da República Democrática do Vietnã. Aviões B-52 lançam indiscriminadamente toneladas de bombas sobre a população do Vietnã do Norte. A frota de guerra dos Estados Unidos é mobilizada para canhonear mais intensamente portos e cidades das nações indochinesas.

O sanguinário ocupante da Casa Branca põe de lado a máscara que costuma usar de interessado em resolver a guerra da Indochina através de conversações. Aparece com sua verdadeira face de agressor e opressor dos povos. Suas palavras sobre a paz, pronunciadas nos mais diferentes tons, servem tão-somente para tentar iludir as massas e conter a onda de protestos que se levanta nos Estados Unidos e em todo o mundo. Seus planos de "vietnamização" da guerra, de desengajamento das tropas norte-americanas à custa da mobilização de carne de canhão dos próprios vietnamitas e de utilização de novas armas de destruição para intimidar os revolucionários, fracassaram redondamente. Fracassaram também suas manobras em prol de uma falsa paz, pois o que Nixon pretende é um arreglo para manter seu domínio no Sudeste Asiático. O chefete dos monopolistas ianques sente-se ameaçado com a ofensiva libertadora dos povos da Indochina em suas pretensões de candidato a um novo período governamental.

Não causa maiores surpresas a ação criminosa dos Estados Unidos no Vietnã. O imperialismo é capaz dos maiores crimes para atingir seus fins de rapina. Reprime brutalmente todos aqueles que se levantam contra seus desígnios. A violência reacionária é própria da natureza do imperialismo. A liberdade para ele só tem um sentido: o de explorar e espoliar os povos.

A única linguagem que os imperialistas entendem é a da força. Só a força revolucionária das massas pode derrotar seus planos, só através do combate decidido é possível conquistar o direito a uma vida livre e feliz. Os povos da Indochina já há muito compreenderam esta verdade. Uniram-se solidamente e empunharam as armas para enfrentar os monopolistas dos Estados Unidos e a reação interna. Por mais arrogantes que sejam, Nixon e os genrais ianques nada conseguem quando se defrontam com os povos revolucionários.

A ofensiva militar dos patriotas indochineses vem sendo acompanhada com grande entusiasmo pelas massas populares de todos os Continentes. Seu alvo principal é o inimigo comum de toda a Humanidade. Cada derrota norte-americana na Indochina é uma vitória dos povos de todos os países. A ação corajora e heróica dos combatentes vietnamitas, laocianos e cambojanos é um grande exemplo revolucionário que estimula a luta dos que se batem no mundo inteiro pela libertação nacional do jugo do imperialismo e do social-imperialismo e pela instauração do socialismo. O povo brasileiro, que sofre a opressão de uma feroz ditadura militar, sente-se jubiloso com os êxitos alcançados no Vietnã e compreende cada vez melhor que este é o caminho para livrar-se da tirania dos generais fascistas a serviço da reação interna e do imperialismo norte-americano.

PARA SER UM BOM REVOLUCIONÁRIO (Continuação)

É preciso estar sempre pronto para fazer, a qualquer preço, tudo o que possa realmente servir à classe operária.

É preciso ser capaz de subordinar toda sua vida privada aos interesses do proletariado ".

GEORGE DMITROV

A REFORMA DO ENSINO

Iniciado o ano letivo, alunos e professores deparam-se com várias mudanças recentemente introduzidas nas escolas. Surpreendem-se com as alterações de currículo em algumas séries e com a criação de um novo vestibular classificatório para o curso colegial. Estranham a fusão do primário com o ginasial num único curso de oito anos. Revelam sua insatisfação face à criação de novas taxas e ao aumento das anuidades escolares. Aqui e ali, articulam-se suas primeiras iniciativas de luta contra essas e outras medidas. Em Porto Alegre, estudantes reivindicam mais oportunidades de estudo. No Município de São Paulo, onde são oferecidas apenas 94 mil vagas a um total de 124 mil alunos aptos a ingressar no colégio, repetem-se as mesmas reclamações. E no Ceará, onde, pelo mesmo motivo, 12 mil jovens ficaram sem matrícula na escola média este ano, as críticas às autoridades se multiplicam. Nesse clima, tomam conhecimento de que o governo dá os primeiros passos tendo em vista a aplicação da "Reforma do Ensino Fundamental e Médio", um dos "projetos-impacto de Garrastazu, consubstanciado na lei 5692 de agosto do ano passado.

Para a quase totalidade dos alunos e mestres a reforma é,ainda,uma incógnita. A verdade é que, nem mesmo por serem os mais interessados, eles foram chamados a manifestar seus pontos de vista sobre o assuntoantes de sua aprovação definitiva. A despeito de tratar de matéria do interesse de toda a nação, a lei foi elaborada, a portas fechadas, por meia dúzia de "iluminados" escolhidos a dedo pelo governo, e retirada da "caixinha de surpresas" para ser anunciada ao país com o costumeiro estardalhaço. Os governantes sabem que a menor interferência dos estudantes, professores, intelectuais e das massas populares em geral, viria contrariar os seus objetivos antidemocráticos e antinacionais em relação ao ensino. Nessas circunstâncias, é natural o desconhecimento do teor da reforma, até mesmo por estudantes e professores.

Mesmo assim, essa reforma vem sendo apresentada pela propaganda oficial como a panacéia de todos os males da educação brasileira. Não falta a Garrastazu cinismo bastante para afirmar que ela possibilita "democratizar o ensino, de maneira que a todos se assegure o direito à educação". Nem ao Ministro Passarinho, para quem o governo optou por uma concepção de escola voltada para o "desenvolvimento centrado do homem e para ele dirigido".

Confrontados com a realidade, com a substância da lei, esses arroubos retóricos caem no vazio e revelam todo o seu caráter farsante. O objetivo principal da política educacional do governo é integrar o ensino no processo antidemocrático e antinacional instaurado com o golpe de 1964. Bastante adiantado nos domínios econômicos, político e militar, esse programa reacionário e de traição nacional dos militares encontra na reforma educacional e noutras medidas a sua particularização para o domínio do ensino e da cultura. Podemos demonstrá-lo tendo por base o próprio texto legal.

A pedra-de-toque e o aspecto mais infame da reforma é a institucionalização de dois tipos diversos de ensino, tendo por critério a origem de classe dos alunos. Aliás,essa orientação não é nova, já estava fixada na Constituição fascista de 1937. Simplesmente foi desencavada de lá pelos corifeus da ditadura. O primeiro é o ensino para os filhos das classes dominantes. Objetiva formar as "elites dirigentes", os quadros capazes de que têm necessidade o imperialismo e seus aliados internos para darem continuidade e intensificarem seu domínio sobre o país. O segundo é o ensino para os "menos favorecidos", isto é,para as massas populares. Destinado menos a educar do que a moldar a força do trabalho às necessidades dos monopólios capitalistas, orienta-se, fundamentalmente, para a formação de mão-de-obra especializada e semi-especializada. Almeja uma capacitação meramente tecnicista. Repele toda preocupação em desenvolver o espírito crítico dos jovens e oferecer-lhes o conhecimento multilateral da realidade. Ao tratar do currículo, determina a lei , que "no segundo grau, predomine a parte de formação especial". A única exceção a essa regra é aquela que se refere aos educandários de elite. O curso médio adquire, assim, o caráter de "terminalidade", de fim de carreira. A própria natureza do conhecimento aí ministrado é uma barreira a mais no caminho da Universidade. A pretexto de combate ao ensino livresco, passa a prevalecer um sistema que, em lugar de capacitar a juventude para a solução dos problemas nacionais, visa, simplesmente, na expressão descuidada do próprio Ministro Passarinho, a formar"os técnicos de nível médio de que tem fome a empresa". Consagra-se, portanto, a associação escola-indústria, já em aplicação há algum tempo no ensino superior, pela qual a primeira se transforma em mero instrumento, espécie de departamento

(Segue)

de pessoal da segunda.

Há quem veja, com razão, nessas mudanças, o propósito de iludir os jovens com a promessa de profissionalização suficiente independentemente do curso superior e, assim, aliviar a pressão dos estudantes pela ampliação das vagas nas Universidades. Foi nessa mesma linha de intenções que o governo instituiu o exame de classificação para o curso médio. Mas o que se evidencia, principalmente, é o zelo dos militares, também aqui, pelos interesses dos monopólios capitalistas nacionais e estrangeiros, particularmente norte-americanos. Por força desses interesses, o Brasil vê perseguidos e expulsos do país seus melhores cientistas e pesquizadores e se transforma em mero importador de tecnologia, consumidor de patentes estrangeiras. A natureza antinacional da reforma do ensino reside, em particular, em que, fechando os olhos à ciência e à pesquiza, se orienta basicamente para a formação dos operadores da tecnologia importada. É propósito dos militares no Poder criar as condições para que o Brasil permaneça eternamente na condição de país dependente.

A mudança na própria função da escola é suficiente para identificar os verdadeiros beneficiários da reforma do ensino baixada pelo governo. E, na medida em que constitui este aspecto a pedra-de-toque da política adotada, seria ingenuidade esperar de qualquer dos outros pontos algo substancialmente diverso. É precisamente no seu cunho antidemocrático e antinacional que reside a coerência interna da reforma.

Não é outra linha que obedece ao tratar do financiamento do ensino. O princípio norteador é o descompromisso progressivo da União em matéria de educação e o incremento simultâneo do ensino privado. A despeito do aumento vertiginoso dos impostos e de sua acumulação nos cofres federais, é inquestionável a supressão do ensino gratuito. O comércio do ensino recebe, assim, decisivo apoio governamental e se apresenta como um negócio cada dia mais rendoso. A isso Garrastazu chama "democratização das oportunidades de estudo". Pobre lógica ! A lei determina que nos "estabelecimentos oficiais o ensino de 1º grau é gratuito dos 7 aos 14 anos, e o de níveis posteriores se-lo-á para quantos provarem falta ou insuficiência de recursos e não tenham repetido mais de um ano letivo..." Nota-se que, por exclusão, fica suprimida a gratuidade de todo o curso médio. Mesmo a ressalva que à primeira vista alivia os que esperam provar "falta ou insuficiência de recursos" ou acreditam jamais terem de repetir o ano, não passa de um ardil. Está posto que "a gratuidade da escola oficial e as bolsas de estudo oferecidas pelo Poder Público serão progressivamente substituidas (...) pela concessão de bolsas sujeitas a restituição". Doravante, as bolsas de estudo não passam de um "empréstimo generoso". Concluído o curso, empregue-se ou não, o recém-formado terá que reembolsá-la com juros e correção monetária. E, assim, mais uma formidável fonte de recursos extras se cria para o governo à custa do trabalho gratuito de um número cada vez maior de jovens. Tanto mais quando, nos casos de prosseguimento dos estudos, às bolsas do curso médio se acrescentarem as também restituíveis do curso superior. Enquanto isso, os dinheiros públicos são sistematicamente desviados para atender às despezas com o aparelho burocrático-repressivo e satisfazer as ambições do grupo militar no Poder.

Essa política antidemocrática encontra-se também na origem do salário-educação, recolhido ao INPS pelas empresas. À primeira vista, trata-se de um sacrifício imposto aos grupos econômicos capitalistas, canalizando para o ensino recursos que atingirão este ano a cifra de 520 milhões de cruzeiros. Entretanto, quem duvida de que, no final das contas, por força do próprio mecanismo de exploração capitalista, o peso desses encargos vai recair nos ombros do povo? É ainda baseada nesse princípio de financiamento da educação com os chamados "recursos não inflacionários" - tão do gosto do Ministro Delfim Neto- que a lei fixa para "as empresas e os proprietários rurais" a obrigação de "facilitar aos seus empregados" a frequência à escola" ou "a propiciar a instalação e o funcionamento de escolas gratuitas em suas propriedades". Em outras palavras, os latifundiários estão "obrigados" a educar ou a facilitar a educação dos camponeses ... Com esta, nos é difícil conter um ligeiro riso carregado de indignação, não só em face de mais esse ato de desobrigação do governo para com os gastos educacionais, mas, principalmente, por motivo das mãos para as quais transferiu, o que bem revela seu elevado grau de hipocrisia e suas reais intenções. Precisamente os latifundiários, responsáveis seculares pela ignorância e a miséria de milhões de camponeses, são eleitos agora como os fautores de sua redenção cultural.

Do mesmo modo, a "passagem progressiva para a responsabilidade municipal de encargos e serviços de educação", explicita na nova lei, obedece ao mesmo espírito. Aliás,

(Segue)

como no caso anterior, esse dispositivo revela também a elevada dose de demagogia do governo, ao pretender financiar a educação com recursos estaduais e municipais. É sobejamente conhecida a crise econômico-financeira crônica em que vivem mergulhados os Estados e Municípios, sua total incapacidade para manter e ampliar o sistema de ensino. Certamente só aumentarão os motivos para maiores reclamações contra as precárias condições materiais das escolas e a baixa remuneração dos professores.

Com essa política de financiamento, o governo alardeia haver criado as condições para estender a obrigatoriedade do ensino a todo o primeiro grau. E ousa até mesmo transformar tamanho contra-senso num dos temas prediletos de sua propaganda, apresentando-o como demonstração do suposto caráter democrático de suas "soluções". Entretanto, sabe-se que já na Constituição de 1946 estava estabelecido que "o ensino primário é obrigatório". Ocorre, porém, que nem por isso o índice de analfabetismo no Brasil deixou de quase duplicar nos últimos 25 anos e de alcançar hoje o elevado número de 42 milhões. Em razão do próprio caráter do regime, a obrigatoriedade jamais existiu na realidade. Tanto pior nas novas condições impostas pela política da ditadura. Com a supressão progressiva de sua gratuidade, acarretando novos encargos econômicos para as massas, o ensino torna-se cada vez mais seletivo e a gratuidade sem qualquer efeito prático. Sobre o peso da política educacional da ditadura, se agravarão os velhos problemas do ensino e aumentarão as dificuldades de ascensão cultural das massas.

Ao adotar essas e outras medidas, os militares se recusam a acreditar nas próprias palavras. Se em alguma coisa eles têm razão é precisamente nisto. A despeito de apresentarem sua política educacional como uma fórmula que se encontra com as aspirações dos estudantes e professores e como a solução apropriada dos problemas do ensino no Brasil, não pronunciam uma só palavra nem pensam um segundo em aliviar a repressão sobre a juventude estudantil e sobre os educadores. Proíbem terminantemente a livre manifestação do pensamento e o livre debate de idéias nas escolas. Presencia-se nas salas de aula um monólogo, onde alunos ouvem e professores pesam cuidadosamente as próprias palavras. Os estabelecimentos de ensino vivem infiltrados de agentes policiais, com a tarefa específica de espionar alunos e mesmtres. Permanecem em plena vigência o decreto 477, que determina a exclusão sumária por três anos, da escola, de todos os "contestadores", sejam estudantes, professores ou funcionários. A disciplina implantada nas escolas obedece a regulamentos que podem ser comparados aos adotados nos quartéis. A instrução de "moral e civismo" tornou-se obrigatória em todos os níveis. Os grêmios estudantis autônomos são substituidos pelos chamados "centros cívicos", entidades impostas aos estudantes pelo MEC. Tornaram-se frequentes as prisões de alunos que reivindicam seus direitos. Sobre todos os aspectos são precárias as condições de estudo de milhões de hovens brasileiros. Foram palavras do Ministro da Educação: "depois de a educação tornar-se, para o governo, um investimento prioritário, os estudantes perderam o suposto direito de fazer política partidária", isto é, de lutar pelas suas reivindicações e opor-se à política governamental. Como pode a prioridade do governo, sendo justa, como afirma o ministro, contrariar um direito dos seus próprios beneficiários? O fato é que, como fascistas convictos e lacaios do imperialismo por profissão, os militares sabem muito bem a quem serve e a quem não serve sua política.

O único caminho que resta à juventude, aos professores, aos intelectuais e a todos os patriotas e democratas é o do combate sem tréguas ao regime militar. Os estudantes de todos os níveis aliados aos professores e demais setores da intelectualidade e apoiados por amplas camadas populares, cerrarão fileiras na batalha à ditadura e sua política educacional reacionária.

BRASIL... (Continuação da página 6)

te. À sua frente está o Partido Comunista do Brasil, destacamento de vanguarda do rpoletariado brasileiro, cujo cinquentenário de fundação e o décimo aniversário de reorganização são comemorados nestes dias.

* * * * * * * * * * * * *